

# ESPAIALIZAÇÃO DA EUCALIPTOCULTURA NO SUDOESTE DA BAHIA E A IMPLANTAÇÃO DOS PÓLOS FLORESTAIS

Edvaldo Oliveira\*

Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Doutorando em Geografia pela UFS – [edvaldocartografia@gmail.com](mailto:edvaldocartografia@gmail.com)

José Eloizio da Costa\*

Professor do NPGeo - Núcleo de Pós Graduação em Geografia/ Doutorando em Geografia -UFS –

[eloizio@ufs.br](mailto:eloizio@ufs.br)

\* Membros do Grupo de Pesquisa sobre Transformações no Mundo Rural – UFS. CNPQ

## Resumo

O plantio de florestas para fins comerciais no Brasil começa na década de setenta com o incentivo ao reflorestamento pelo Governo Federal, através de programas de fomento das atividades de silvicultura. Com a expansão da silvicultura no Brasil, o eucalipto passa a fazer parte do agronegócio nacional como matéria prima para a produção de celulose, carvão, lenha, madeira serrada e extração de óleos essenciais. No Norte de Minas Gerais e Sudoeste da Bahia essa política chega um pouco mais tarde, o que levou à retirada da mata nativa para a produção de carvão vegetal. O alerta soou diante da redução da capacidade de exploração, levando os consumidores de carvão vegetal a optar pelo reflorestamento. Atualmente, estima-se em 3,8 milhões de hectares a área plantada de eucalipto, de um total estimado de 5,3 milhões de hectares de florestas plantadas em mais de 500 municípios. Face a essa nova perspectiva, surgem na Bahia, programas para a expansão da eucaliptocultura, baseados nos argumentos de recuperação de áreas de pastagens degradadas e de redução da pressão sobre as florestas nativas. A ampliação da base industrial, o desenvolvimento do Pólo Moveleiro; a demanda por carvão vegetal para as siderúrgicas em Minas Gerais; as notícias de lucro em médio prazo, disponibilidade de crédito e a política de incentivo tecnológico pelas instituições de pesquisa, aliadas à localização geográfica e a argumentação das “validações tecnológicas” levaram agricultores a investir e destinar áreas para o plantio. Diante do quadro que se apresenta e das inquietações sobre o futuro após a implementação de políticas, tanto do Estado como de financiamento por Bancos Públicos e privados para o plantio de eucalipto, a pesquisa busca verificar as possíveis alterações e as consequências, positivas ou negativas, verificando em que grau a política de expansão da eucaliptocultura e dos Pólos Florestais beneficiam ou prejudicam a agricultura local. Considerando ainda que as políticas de expansão da eucaliptocultura se apresentam decididamente afirmativas, requer investigações especializadas. O trabalho objetiva analisar a expansão do eucalipto na região Sudoeste da Bahia, no Subespaço de Vitória da Conquista, tendo como ferramentas de análise as políticas governamentais, o capital privado e a argumentação da modernização da agricultura. Especial atenção, nesta fase do projeto é dada à implantação dos Pólos Florestais Sustentáveis, política nova do Governo do Estado que elege áreas de expansão envolvendo pequenos proprietários, com incentivos do governo e do Pronaf florestal. A pesquisa delimita-se em torno da análise da implantação da eucaliptocultura a partir das políticas governamentais, do capital privado, do argumento da modernização da agricultura e da análise dos Pólos Florestais. Foi feito mapeamento das áreas destinadas aos pólos e de forma específica a inserção desses pólos na região Sudoeste da Bahia, com ênfase no subespaço de Vitória da Conquista. Os dados da pesquisa foram sistematizados em um banco de dados a partir da criação de um Sistema de Informações Geográficas sobre o estado e a região de estudo permitindo análises e considerações. A importância desse trabalho se dá pela verificação das alterações visíveis no campo, com a substituição de pastagens e áreas destinadas a agricultura pelo eucalipto, resultando em um novo desenho na paisagem geográfica. No que tange à geografia agrária, a contribuição remete às alterações na estrutura agrária bem como nas possíveis adequações da crise produtiva da pecuária.

**Palavras Chave: Monocultura; Espacialização; Geografia Agrária; Pólos Florestais; GIS.**

## Introdução

As alterações no uso da terra são visíveis na paisagem em diferentes graus de ocupação, tanto quanto dos efeitos das políticas de governo e do incremento do capital. Dessa forma, as diferentes realidades regionais conduzem a diferentes formas de ocupação e dinamismo, resultando em formas distintas de ocupação espacial, alterações nas relações de trabalho e conseqüentemente nas alterações sociais.

No caso da eucaliptocultura, as alterações despertam uma gama de questões cuja discussão toma duas vertentes: do ponto de vista econômico, os que defendem a implantação do eucalipto como forma de (re)florestamento para recuperar áreas degradadas e ou recuperação da economia rural e de outro lado os que observam a realidade do ponto de vista social, com as alterações na estrutura agrária e possíveis danos à questão de fixação do homem na terra.

Com a “febre” do eucalipto no sul do Estado da Bahia e a descoberta do seu potencial econômico, houve um despertar de agricultores e investidores para o cultivo em larga escala. A ampliação da base industrial, o desenvolvimento do Pólo Moveleiro, a demanda por carvão vegetal para as siderúrgicas em Minas Gerais, as notícias de lucro em médio prazo, aliados a seminários e projetos de expansão, a disponibilidade de crédito e a política de incentivo tecnológico pelas instituições de pesquisa, levaram agricultores a investirem e destinar áreas para o plantio.

Com a evolução das plantações florestais no território nacional, o eucalipto passa a fazer parte do dinâmico agronegócio nacional para uso diversificado, destacando-se como a mais importante matéria prima para a produção de celulose, carvão, lenha, madeira para indústria de móveis, serrarias, construção civil e matéria-prima para óleos essenciais e desinfetantes, entre outros

O processo de reflorestamento em áreas degradadas é considerado como a alternativa para as áreas onde a floresta nativa foi retirada. Isso leva a dúvidas se essa expansão tem atingindo áreas de plantio de subsistência ou áreas onde não se verifica uma carência de florestamento. Dessa forma, reforça “uma febre” pelo (re) florestamento por eucalipto, como possibilidade de mercado, passível de investigação. Soma-se a isso a prática de compra da produção no plantio, o que tem levado agricultores a substituir ou plantar o eucalipto. Isso difere do plantio no sul do Estado, que se consolidou, com a presença de umas poucas grandes empresas, emprego maciço do capital, incentivos governamentais de alta monta e compra de grande quantidade de terra, com alguma política de incentivo a plantio para compras de diversas formas.

A defesa da expansão do eucalipto apresenta três linhas derivada da cadeia produtiva: madeira para carvão, para a indústria madeireira e para celulose e papel. Independente da linha produtiva escolhida na cadeia de produção do eucalipto, ainda é pouco estudado os efeitos na área Sudeste da Bahia uma vez que as discussões remetem apenas para a venda da madeira na forma de floresta plantada, na produção de carvão, e a longo prazo para o suporte à construção civil e Pólo Moveleiro, através do plantio para madeira cerrada e de corte mais largo. Além dessas perspectivas envolvendo a produção se já fala em créditos de seqüestro de carbono entre outros.

A despeito das questões envolvendo aspectos da sustentabilidade ambiental, preocupam a mudança no padrão fundiário, a compra antecipada da produção pelo especulador e a viabilidade econômica para o pequeno produtor, uma vez que o cultivo varia entre cinco e sete anos para corte e comercialização. Outra variável é a aquisição de grandes áreas para o cultivo do eucalipto, o que pode resultar em êxodo do pequeno produtor, da substituição da cultura predominante pela monocultura.

Situando o objeto de estudo, a eucaliptocultura, os relatórios técnicos de entidades ligadas ao consumo de matérias primas vegetal observa que a demanda por biomassa é considerada elevada no Brasil. Isso é ratificado por diversos seguimentos da economia, desde empreendimentos de pequeno porte até as grandes siderúrgicas. Essa demanda levou a retirada das matas nativas chegando ao seu limite. Isso ocorre em vários níveis, entre eles o da expansão de fronteira agrícola e da retirada das floretas para consumo da biomassa, sem plano de manejo adequado ou utilização da terra para outro fim.

Este texto é parte de um trabalho mais amplo e objetiva analisar a expansão do eucalipto na região Sudoeste da Bahia, especialmente no Planalto de Conquista, tendo como ferramentas de análise as políticas governamentais, o capital privado e a argumentação da modernização da agricultura. Especial atenção, nesta fase do projeto é dada à implantação dos Pólos Florestais Sustentáveis, política nova do Governo do Estado que elege áreas de expansão envolvendo pequenos proprietários, com incentivos do governo e do Pronaf florestal.

## Localização da área de estudo

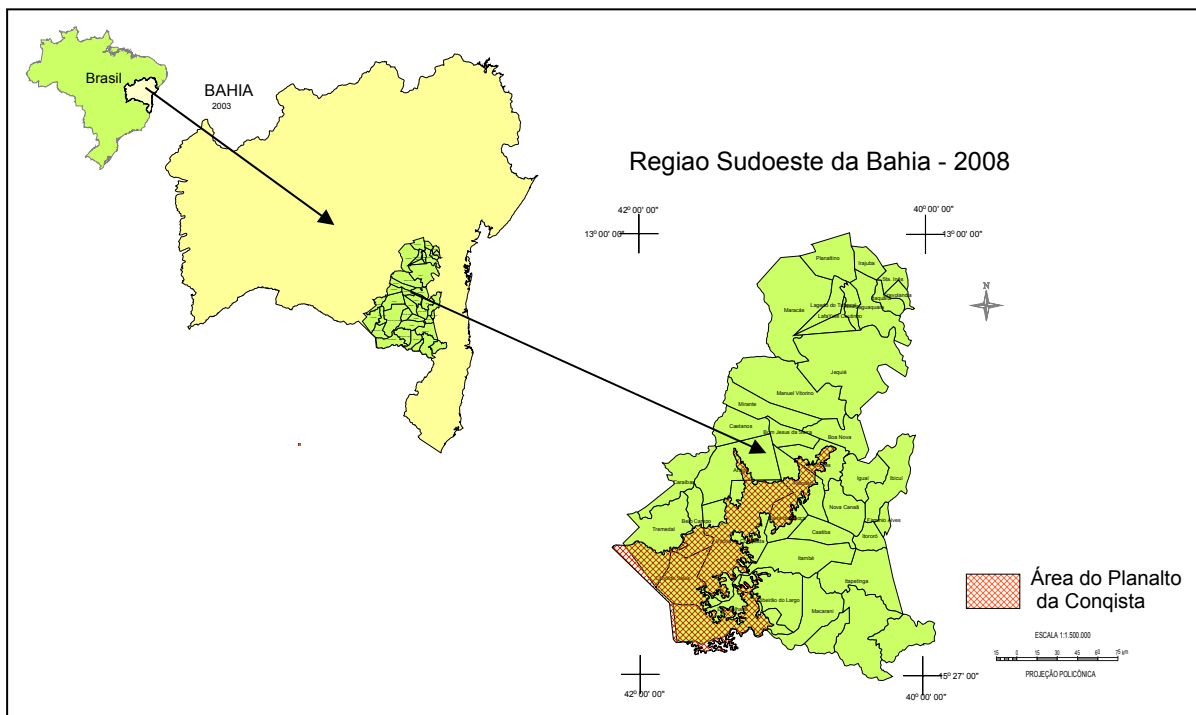


Fig 1 – Localização da área de Estudo

## A Região Sudoeste - descrição da área de estudo

Localizada no sudeste da Bahia (do ponto de vista cartográfico) e denominado Região Sudoeste por formar um recorte econômico partindo de Salvador, é formada por 39 municípios apresentando dinâmicas econômicas e ambientais diferenciadas, com um mosaico de geoambientes. Em termos físicos apresenta uma faixa central mais elevada que se estende de norte a sul, constituída pelas unidades geoambientais denominadas Planalto dos Geraizinhos, Maciço Central – totalmente incluída na Região – e Serras Marginais, onde nascem de importantes rios. As demais unidades distribuem-se por ambos os lados dessa faixa, formando degraus posicionados em altitudes menores e ocupando vasta extensão territorial. Os recortes geomorfológicos formam a oeste, os Patamares do Médio Rio de Contas, o Pediplano Sertanejo e o Pediplano do Alto Rio Pardo; a leste, o Piemonte Oriental do Planalto de Vitória da Conquista, a Depressão de Itapetinga e as Serras e Maciços Pré-Litorâneos.

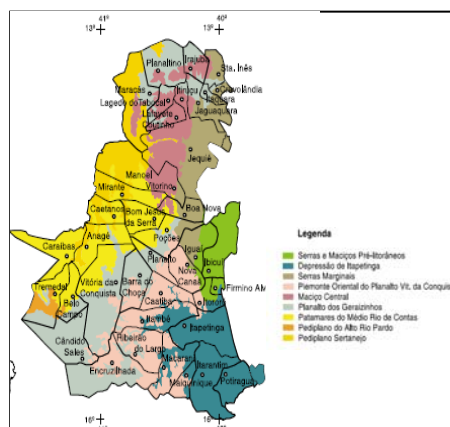


Fig 2 – Geoambientes da Região Sudoeste da Bahia

Fonte: PDRS / Car/BA 2001.

A existência de distintos geoambientes na Região Sudoeste da Bahia, compreendidos pela caatinga e pelo planalto com clima tropical de altitude e pela mata semidecidual, com diferentes tipos de solo e clima, permite que a Região apresente amplas potencialidades para a implantação de uma quantidade diversificada de explorações agropecuárias e silvícolas. A atividade silvicultora foi retomada, levada pela retirada da cobertura vegetal nativa para a produção de carvão e lenha.

A região sudoeste, como potencial para a silvicultura apresenta duas grandes unidades geoambientais, envolvendo as peculiaridades de cada uma e as mais diversas combinações das áreas de transição.

A primeira grande unidade, objeto de estudo dos pólos florestais e da expansão da eucaliptocultura, denominada Planalto de Vitória da Conquista se caracteriza por um relevo elevado e plano (em torno de 900m de altitude) com uma disposição aproximadamente no sentido norte/sul. Esta área é um prolongamento do compartimento compreendido pela Serra Geral de Minas Gerais. Os cursos d'água que nascem nos trechos superiores das vertentes do planalto drenam em direção ao Rio Gavião, sendo que alguns deles caminham para a bacia do Rio Pardo, na vertente oposta. A parte mais alta do planalto apresenta baixas temperaturas de inverno e garoas recorrentes.

A região possui clima sub-úmido a seco, topografias planas, solos bem desenvolvidos, do tipo Latossolos e Floresta Estacional Decidual e Semidecidual (vegetação transicional entre a floresta e a caatinga que regionalmente é chamada de “mata de cipó por causa do aparecimento de lianas é comum, que se desenvolve entrelaçando nas árvores mais imponentes”). Essa formação vegetal agrupa espécies vegetais arbóreas, características das regiões de florestas, associados a espécies das caatingas. Alguns poucos remanescentes desta formação vegetal mostram uma fisionomia estruturada em um dossel superior (formado por espécies florestais nativas), um estrato intermediário (formado por árvores e arbustos xerófilos), e um estrato herbáceo pouco desenvolvido., fato que motivou a sua popular denominação de “mata de cipó”. Nesse ambiente a pastagem acaba sendo predominante, mostrando aspectos de degradação, e que faz parte de uma política de expansão da eucaliptocultura, na forma de recuperação. Tais características promoveu, também, na década de setenta a produção de café, na região, contribuindo para a retirada de parte da mata atlântica na região de Barra do Choça da floresta semidecidual (mata de cipó) nos demais município do Planalto.

O uso da terra neste segmento é muito limitado, especialmente pelas adversidades ambientais, enquanto as condições de recomposição dos ambientes degradados são extremamente dificultadas pelas mesmas características.

## **Revisão bibliográfica**

Para fundamentar teoricamente a análise da expansão do eucalipto na região sudoeste da Bahia, alguns conceitos se apresentam como estruturais, tais como geografia enquanto ciência, especialmente a geografia agrária, balizados nos trabalhos de Valverde, (1985), Diniz (1984) Ceron e Girardi,(1984) e Furlan, (2006) e na análise dedicado aos estudos da reestruturação agrária o trabalho de Graziano da Silva (1998,1996, 1980) principalmente quanto aos aspectos da modernização da agricultura, suas nuances e atuais perspectivas; a regionalização; modernização da agricultura e seu papel pela via do grande capital, com base na cadeia produtiva e os reflexos na monocultura (MIRALHA, 2006). Estas observações são importantes diante do argumento de que as pastagens degradadas minimizam a produção e mantém o atraso na agricultura. Dessa forma a eucaliptocultura encaminharia para uma “modernização” do campo na região.

No campo da agricultura familiar e a implantação dos Pólos florestais, com ênfase no Pronaf e Pronaf Florestal (programas do Governo federal para estimular o pequeno agricultor). Nesse contexto, observa-se que a agricultura familiar ocupa mais de quatro milhões de estabelecimentos agropecuários; 40% do valor bruto da produção agropecuária e, aproximadamente 33% da área cultivável do Brasil. Mesmo assim, apenas 20% desses estabelecimentos são integrados ao mercado

satisfatoriamente, 40% integrados parcialmente e os demais quase não geram renda (BRASIL, 2003). Na Bahia os números são relativos, aguardando análises do censo agropecuário.

Quanto aos aspectos físicos e fitoecológicos da região sudoeste, e particularmente do Planalto dos Geraizinhos, mostram o predomínio da floresta estacional latifoliada caducifólia não espinhosa, denominada “Mata de Cipó” que se apresenta como mata de transição entre a mata costeira e a região do Sertão conforme Novaes, São Jose, (1992.) em que destacam que esse tipo de vegetação encontra-se em estágio de vegetação secundária, bastante degradada, com percentuais mínimos da presença da vegetação original, com retirada para o plantio de subsistência, pastagens extensivas, e da comercialização de carvão vegetal no Norte de Minas Gerais.

No tocante a eucaliptocultura, a inserção dos sistemas florestais na agricultura é resultado da eliminação das espécies que compunham os sistemas florestais nativos. Nesse sentido entre as políticas governamentais para a região sudoeste da Bahia apresenta entre outros como forte indicador o processo de reflorestamento de áreas degradadas, recuperação da agricultura local e incentivo à produção de madeira para os diversos segmentos econômicos

Na região Sudoeste, especialmente na região de Vitória da Conquista, segundo pesquisas realizadas por Novaes et al (2006) seis espécies tem sido testadas apresentando resultados positivos. As espécies que apresentaram maior desempenho foram *Eucalyptus citriodora*; *E. tereticornis*; *E. urophylla*; *E. camaldulensis*; *E. robusta*; *E. urograndis* e *E. cloeziana*., em região de Floresta Estacional Decidual no município de Cândido Sales.

Segundo o documento do Projeto de Reflorestamento no Sudoeste da Bahia, elaborado pela FADTC/UESB (2006) no marco estratégico prevê que:”

A expansão do reflorestamento nas condições aqui previstas, se bem que com fins de ampliar a oferta de matéria prima às indústrias locais e atender a demanda regional para produção de energia, busca simultaneamente e numa primeira instância repor as florestas naturais da Região submetidas a desmatamentos e ocupar os solos regionais com opção agrícola esgotada, ou seja, os denominados solos secundários que apresentam baixo custo de oportunidade. (FADTC/UESB, 2006).

Contrariamente aos que apregoam o eucalipto como solução Barbosa (1992) destaca vários problemas com a implantação de reflorestamento em grandes áreas. A autora ressalta entre outros fatores o custo social, a participação no aumento da concentração fundiária e a tendência a aceleração do processo de desenvolvimento da monocultura o que favorece a migração para os centros urbanos e o processo de assalariamento do pequeno produtor. Em estudos feitos no sul da Bahia revela que:

[...] entre 1975 a 1980 houve uma considerável redução dos estabelecimentos de propriedade individual em benefícios dos Condomínios ou Sociedades de Pessoas, as Sociedades Anônimas e Sociedades de Quotas por Responsabilidade Social, tanto no que diz respeito a número de estabelecimento, quanto da área. (BARBOSA, 1992. p 49)

A crítica de Barbosa a expansão do Eucalipto no Sul do Estado da Bahia se dá em função de que,

Considerando que as Empresas de reflorestamento necessitam de áreas contínuas e extensas, infere-se que elas tem parte na responsabilidade pela alterações na estrutura de posse, uso e propriedade do solo encontrados naquela região. A concentração de terras nas mãos de uma minoria é um dos mais graves problemas que acompanha a história do desenvolvimento rural brasileiro. (BARBOSA, 1992. p 49)

Segundo citação de documento da Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia “a atividade florestal implantou-se tanto sobre áreas de matas nativas, como sobre áreas já

incorporadas às atividades produtivas, seja com lavouras, seja com pecuária. O documento revela que “se é certo que o reflorestamento incorporou à atividade econômica áreas virgens ou abandonadas, não é menos correto afirmar que ele, em certa medida, promoveu a destruição de lavouras e pastos. (Barbosa, 1992). Destaca, ainda, que dentre problemas destacados estão os custos sociais; a concentração fundiária; a monocultura regional; o assalariamento do pequeno produtor; as migrações rurais e extinção da fauna e da flora.

O gênero *Eucalyptus* pertence à família Myrtaceae (Rizzini, 1981), compreendendo 70 gêneros e 3000 espécies de arbustos e árvores. A madeira dessas espécies é na maioria das vezes dura, pesada, resistente, com textura fina e baixa estabilidade dimensional. O gênero *Eucalyptus* é representado por árvores com alta taxa de crescimento, plasticidade, forma retilínea do fuste, desrama natural e madeira com variações nas propriedades tecnológicas, adaptadas às mais variadas condições de uso.

Natural da Austrália, o eucalipto possui aproximadamente 700 espécies adaptadas a diversas condições de solo e clima. Há deduções de que, durante o processo evolutivo, o eucalipto se adaptou a essas condições de baixo conteúdo de nutrientes no solo, o que ajuda a explicar a resistência, rápido crescimento e capacidade de recuperação mesmo sob condições ambientais desfavoráveis. Dessa grande variedade de espécies, apenas duas não são originárias da Austrália: o *Eucalyptus urophylla* e *E. deglupta*. A primeira com grandes plantações na região sudoeste da Bahia, especialmente, no planalto da Conquista.

Estudos feitos por Novaes et al (2006) apontam *Eucalyptus citriodora*; *E. tereticornis*; *E. urophylla*; *E. camaldulensis*; *E. robusta*; *E. urograndis* e *E. cloeziana*. Segundo a Aflore (2008) as características das espécies mais destacadas na Região Sudoeste, especialmente no Planalto de Conquista são apresentadas no quadro 1.

Quadro 1 – espécies de eucalipto plantadas no Planalto da Conquista- Região Sudeste da Bahia

Espécie	Descrição
<i>Eucalyptus camaldulensis</i>	Adequadas para as zonas críticas de reflorestamento com as deficiências hídricas e a solos com fatores limitantes, o que caracteriza o Planalto de Conquista e a maior parte da Região Sudoeste. A cadeia produtiva dessa espécie de cor avermelhada e de densidade entre mediana e elevada, remete para serrarias, postes, dormentes, lenha e carvão.
<i>Eucalyptus citriodora</i>	Relativamente resistente a déficit hídrico, embora em solos pobres pode ocorrer alta incidência de bifurcações ligadas a deficiências minerais (principalmente boro). A cadeia produtiva por ser uma madeira é densa e de excelente qualidade, podendo ser utilizada para serraria (inclusive peças de telhado), carvão vegetal, lenha, dormentes, postes e estacas. A agregação de valor pode ser feita com a extração de óleo essencial utilizado em produtos e limpeza, balas e na indústria farmacêutica.
<i>Eucalyptus cloeziana</i>	Espécie susceptível a déficit hídrico severo e a solos fracos apresenta forma regular com fuste reto e colunar. A cadeia produtiva dessa espécie, por ser uma madeira de alta densidade, é indicada para serraria, postes e estacas, dormentes e carvão vegetal.
<i>Eucalyptus urophylla</i>	Bastante resistente a doenças como cancro do eucalipto é a mais plantada na região. A cadeia produtiva destina-se por apresentar densidade mediana e grande versatilidade de usos, é utilizada em serraria, carvão vegetal, lenha, estacas e alguns casos para celulose. Para a Região Sudoeste é interessante por apresentar moderada resistência à secas prolongadas.

## Resultados e discussão

A expansão da eucaliptocultura na Região Sudoeste da Bahia apresenta duas vertentes: a iniciativa privada, geralmente com financiamento de Bancos oficiais e o Programa de Reflorestamento e de floresta plantada do Governo do Estado. Esse programa difere da iniciativa primitiva de expansão da eucaliptocultura na região, a partir de proprietários independentes, de Associação de Produtores, em alguns casos vinculados a indústria que demanda por madeira para a queima e produção de carvão como siderurgia, indústria químicas, cerâmicas, padarias e outras que mantêm o sistema de caldeiras.

Nos estudos preliminares da expansão e especialização da eucaliptocultura a pesquisa de campo revelou que três grandes viveiros, sediados em Vitória da Conquista- BA atende com mudas

e assistência técnica aos produtores independentes e associados. Uma das associações, composta de oito grandes produtores de eucalipto para consumo da indústria. Tanto a associações quanto os viveiros operacionaliza um mecanismo de entrega de mudas e de insumos sem custo para o interessado estimam que cerca de 5.000 hectares de eucalipto plantados. A estimativa em 2005, segundo documento da FACDT/UESB, era de cerca de 160 produtores independentes. Informa ainda o documento que um grupo de dezoito produtores florestais independentes, organizados de maneira informal, trocam experiências e compram insumos em comum, cujas plantações já chegam a 2.500 hectares. Informações levantadas junto aos viveiros dão conta de que pelo menos 255 produtores independentes, em toda região, estejam plantando eucalipto. A figura 3 mostra mudas na propriedade prontas para o plantio.



Fig 3– Mudas na propriedade preparadas para o plantio na região de Vitória da Conquista  
Foto: Edvaldo Oliveira 2007

Noutra vertente, para diminuir a pressão sobre a vegetação nativa o governo do Estado da Bahia, através da Superintendência de Políticas Florestais, Conservação e Biodiversidade – SFC criou o Programa de reflorestamento e florestas plantadas, direcionado para pequenos produtores, denominado Pólos Florestais Sustentáveis. O objetivo do programa tem suscitado discussões sobre o problema regional, considerando que na região predomina o minifúndio, voltada para a agricultura familiar. Embora intente apoiar os segmentos que tem demandado por produtos florestais (estacas, madeira serrada) e biomassa (lenha e carvão), a Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos vem planejado e apoiando a implantação de pólos florestais sustentáveis para atender demandas regionais (usos múltiplos) e para suprimento de biomassa: lenha e carvão (bioenergia), segundo fontes coletadas.

O argumento tanto dos produtores independentes quanto do Governo do Estado reside na ocupação de áreas degradadas, a rigor, por pastagens, para a implantação dos projetos de eucaliptocultura. Segundo o argumento do Governo do Estado “O diferencial dos Pólos Florestais Sustentáveis, distribuídos em regiões estratégicas do Estado, será a utilização de áreas já desmatadas para implantação de florestas planejadas, em mosaicos com a vegetação nativa”. A figura 4 mostra o plantio típico do eucalipto em áreas de pastagens degradadas no município de Vitória da Conquista.





Fig. 4 – Recuperação de pastagem degradada pelo plantio de eucalipto  
Foto: Edvaldo Oliveira – 2007

Outro argumento do Programa é o de reflorestamento com espécies de rápido crescimento e de valor econômico, visando a ampliação da oferta de madeira plantada para os consumidores de produtos florestais e indústrias regionais. O terceiro argumento remete a apelo do desenvolvimento econômico sustentável da atividade florestal, utilizando racionalmente os recursos naturais e objetivando a melhoria da qualidade de vida das comunidades rurais.

Na linha de diversificação da expansão das florestas plantadas na região está a expansão do Pólo Moveleiro. Segundo dados do SEBRAE há só em Vitória da Conquista cerca de 200 marcenarias e indústrias moveleiras de pequeno porte o que envolve diretamente o trabalho de cerca de 900 pessoas (SEBRAE, 2008). Esse tem sido outro fator para a busca de produção de madeira, ainda que as validações tecnológicas para a produção de móveis com madeira de eucalipto, embora tenha sido aprovado em outras regiões, é uma vertente a ser pesquisada com a madeira plantada na Região. O quadro 2 mostra as aplicações do eucalipto com outros tipos de madeira da região.

Quadro 2 – Indicações para o plantio de florestas, suas finalidade e espécies destacando o eucalipto

Finalidade	Espécie
Lenha e Carvão	Leucena, Algaroba, <b>Eucalipto</b> , Sabiá, Pau-Ferro, Candeia
Para estacas	<b>Eucalipto</b> , Sabiá, Algaroba
Para a formação de maciços	<b>Eucalipto</b> , Sabiá, Pinus, Cedrão, Sucupira
Para a formação de quebra vento	<b>Eucalipto</b> , Sabiá, Sombreiro

Fonte: Fonte SFC/SEMARH. 2008. Organizado pelo autor

No processo de elaboração das políticas de reflorestamento, existe a indicação do Governo do Estado para a Indústria moveleira, pretendendo criar oportunidades para atração de novos investimentos, a exemplo de empreendimentos moveleiros, beneficiamento de alimento, setor de madeiras sólidas (serrados, lâminas e compensados) e serviços. O quadro 3, abaixo, mostra os Pólos Florestais propostos e o direcionamento da produção dentro da cadeia produtiva.



Quadro 3- Tipologia, região e finalidade dos Pólos Florestais e Agrossilvipastoril na Bahia

Tipologia	Região	Finalidade
Pólo Florestal Sustentável	Jequié	Usos Múltiplos
Pólo Florestal Sustentável	Vitória da Conquista	Bioenergia
Pólo Florestal Sustentável	Caetité	Usos Múltiplos e Bioenergia
Pólo Florestal de Sustentável	Licínio Almeida	Bioenergia
Pólo Florestal Sustentável	Iaçu	Usos Múltiplos e Bioenergia
Pólo Florestal Agrossilvipastoril	Santo Antonio de Jesus	Usos Múltiplos
Pólo Florestal Agrossilvipastoril	Itapetinga	Usos Múltiplos

Fonte SFC/SEMARH. 2008. Organizado pelo autor

Em termos espaciais a expansão da eucaliptocultura pesquisado abrange 28 municípios conforme se observa na figura 3, no mapa de espacialização dos Pólos Florestais. Do quadro fazem parte da Região Sudoeste os Pólos Sustentáveis de Vitória da Conquista com plantação de florestas somente para bioenergia e Jequié, para usos múltiplos. O Pólo Florestal Agrossilvipastoril de Itapetinga, também na região, se dá pela atividade predominante pastoril. A política do Governo da Bahia indica várias espécies entre elas o eucalipto com indicações da cadeia produtiva. A figura 5 mostra o mapa de implantação dos Pólos Florestais, tipologia e finalidades.

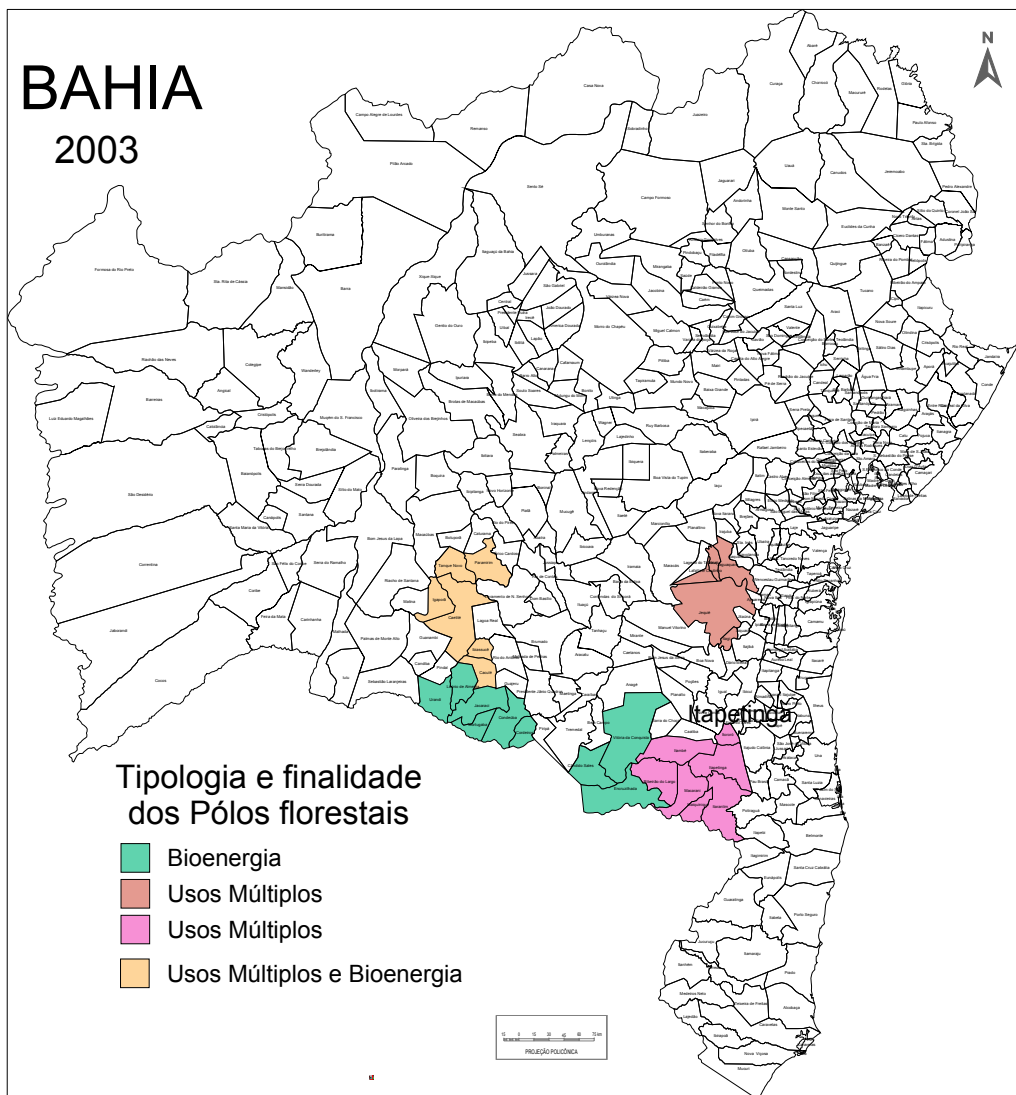


Fig 5 – Mapa da tipologia e finalidades dos Pólos Florestais, na Bahia.

O Pronaf – Programa Nacional do Fortalecimento da Agricultura Familiar - coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio da Secretaria da Agricultura Familiar e administrado pelo BNDES é um programa que se destina a geração de renda e absorção da força de trabalho é responsável por números significativos na produção agrícola brasileira. O desdobramento do Pronaf nas diversas modalidades resultou no Pronaf Florestal.

Segundo a SFC o Pronaf Florestal é uma linha de crédito do PRONAF, específica para a atividade de Silvicultura, cujo objetivo é de levar os produtores familiares à prática da silvicultura e dos sistemas agroflorestais, localizados em áreas prioritárias do bioma Mata Atlântica. Objetiva ainda, recuperar áreas de preservação ambiental e estimular o reflorestamento com fins comerciais, visando à geração de emprego e o incremento da renda familiar por meio do uso múltiplo da pequena propriedade rural. Ainda segundo dados do Governo Estadual cerca de 170 agricultores participam do programa nos municípios de Ubaíra, Wenceslau Guimarães, Jequié, Jaguaquara, Lafaiete Coutinho e Ubatã. Em estágio avançado, o projeto realizou 20 capacitações de agricultores florestais, com cerca de 400 participantes, além da distribuição de sementes de eucalipto, para 200 produtores, 310 visitas técnicas a viveiros e propriedades rurais, totalizando uma área plantada de 140 hectares de eucalipto, só no município de Wenceslau Guimarães. A figura 6 mostra vista aérea da área de plantio em Vitória da Conquista. Ao fundo a divisão entre a caatinga e o Planalto de Conquista.



Figura 6 - vista aérea da expansão da eucaliptocultura na área do planalto e borda da caatinga. Região de Vitória da Conquista.

Foto: Edvaldo Oliveira 2006.

No caso da eucaliptocultura e o Pronaf, a resistência em alguns setores se dá pela substituição da agricultura familiar por uma cultura de longo período fora do costume regional. O Banco do Brasil e o Banco do Nordeste financiam o pequeno produtor, através da linha de crédito do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf Florestal).

O mapeamento dos municípios da Bahia que fazem parte do Pronaf Florestal mostra o total de 21 municípios distribuídos em áreas de mata atlântica e floresta semidecidual, mas dispersos em relação aos Pólos Florestais como observados na figura 7. Nos Pólos Florestais de Caetité e Licínio de Almeida nenhum município faz parte do Pronaf Florestal, no programa do Governo.

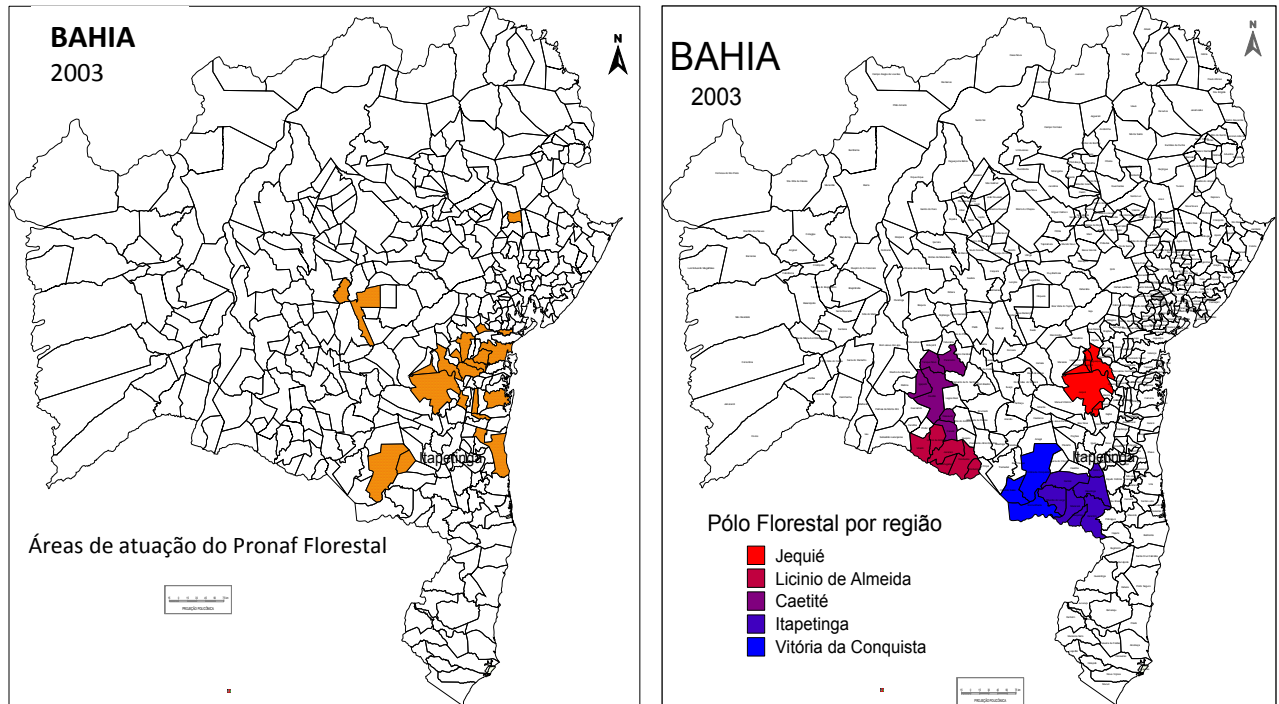


Fig 7 – Mapas comparativos entre a expansão do Pronaf Florestal e Pólos Florestais Sustentáveis

Sem entrar no mérito ambiental da plantação de eucalipto bem como das discussões sobre os mitos e fatos da eucaliptocultura, bastante discutido por Scalforo (2008) algumas ponderações são postas entre as quais o discurso do estado como as idéias de rápido crescimento, baixa exigência nutricional, baixo nível de competição entre plantas, baixa incidência de pragas e doenças, forma do tronco retilínea, alta capacidade de rebrota, alta aceitação no mercado para diversas finalidades e sobretudo o consorciamento com outras culturas, na modalidade de agrofloresta. A figura 8 mostra a presença do eucalipto dividindo espaço com pastagem em boas condições e a agricultura, em propriedade de médio porte



Fig 8 – Ocupação de área por diversas culturas. No primeiro plano mandioca seguido de pastagens e eucalipto, no município de Belo Campo  
Foto: Edvaldo Oliveira 2007

A promessa de mercado, também discutível, uma vez que diante da crise econômica mundial, embora havia uma previsão de apagão florestal (SBS, 2009) não há a princípio garantia suficiente com a redução da atividade de consumo de carvão pelas indústrias siderúrgicas.

Outro fator considerado remete à questão de solos disponíveis uma vez que os latossolos são os mais indicados revelam algumas preocupações com a expansão da eucaliptocultura. Nos primeiros levantamentos do trabalho de campo embora a febre pelo eucalipto tenha alcançado muitos produtores, algumas ponderações tem sido feitas quanto ao prazo de colheita e substituição da agricultura tradicional e até de subsistência. Isso implica numa discussão sobre a expansão e espacialização da eucaliptocultura, especificamente na região Sudoeste da Bahia

### **Considerações finais**

Tem sido apresentadas vantagens e desvantagens sobre o plantio de eucalipto para fins de regularização florestal. Entre os argumentos positivos está a redução da pressão sobre a floresta nativa, que já apresenta baixa quantidade, na região, e geralmente retirada pela atividade clandestina de produção de carvão. Nesse sentido levantamento está sendo feito nos últimos anos da apreensão de carvão e madeira clandestinos junto aos órgãos fiscalizadores.

Entre as vantagens propagadas pelo Governo para implementação dos Pólos Florestais estão a preservação dos remanescentes de floresta nativa, excelente qualidade e rápido crescimento, uso múltiplo, absorção grande quantidade de CO<sub>2</sub> da atmosfera, extração de óleos essenciais. Outras vantagens de caráter discutível como o mercado imediato e a geração de emprego e renda para pequenos agricultores. Há ainda a associação de políticas dos Pólos Florestais e o seu financiamento para os pequenos produtores com garantia de lucro, além das vantagens dos prazos de carência.

Outras ponderações são feitas diante do quadro apresentado, quanto ao plantio do eucalipto que poderão ser evidenciadas no desenrolar da pesquisa tais como:

- em que grau ocorrerá o avanço do eucalipto nas áreas de predomínio das pequenas e médias propriedades;
- até que ponto os incentivos governamentais, como assistência técnica e implantação dos Pólos Florestais Sustentáveis, destinados, a princípio ao pequeno produtor, atingirá o objetivo esperado A certeza de que a eucaliptocultura, de ciclo longo, não afetará a produção de ciclo curto, aplicada em muitas propriedades pequenas.
- em que se baseiam os bancos oficiais para oferecer empréstimos para o pequeno produtor, tendo como garantia a terra, ainda que com juros baixos e carência até a colheita;
- até onde essa política leva a uma reestruturação agrária na região sudoeste, que se dá de forma esparsa, diferentemente de áreas contínuas, do sul do estado, onde problemas fundiários se revelam, bem como em outras regiões do país,
- o grande capital, que começa a chegar à região, manterá a política de áreas dispersas ou haverá a incorporação de áreas com a compra de pequenas propriedades;
- O processo de implantação do eucalipto de fato resultará no processo de modernização da agricultura;
- Os argumentos de que as áreas de pastagens degradadas podem ser recuperadas com a eucaliptocultura de fato reverte o quadro de degradação natural ou matem o denominado “deserto verde”

Estas questões deságuam no lugar comum das mudanças do uso da terra, que poderá indicar o caminho a partir das análises elaboradas na pesquisa.

## **Bibliografia e Referências**

- BAHIA. Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR. **Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável – PDRS: modelo teórico-metodológico**. Salvador, 1995. (Série Caderno Car, 6)
- BAHIA. Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – Semarh. Cartilha de fomento florestal Salvador: Gráfica Print Folhes, 3.ed.rev. e ampl. 2007.
- BAHIA. Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos – Semarh. Pronaf Florestal – Cartilha . Salvador: Gráfica Print Folhes, 3.ed.rev. e ampl. 2007.
- BARBOSA, Áurea Almeida, et all. **Reflorestamento no Brasil**. Vitória da Conquista – BA: UESB, 1992. 174p
- CERON, Antonio Olívio. GERARDI, Lucia Helena de Oliveira **Geografia Agrária e Metodologia de Pesquisa**. CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária, v. 2, n. 3, p. 04-16, fev., 2007.
- DINIZ, J. A. F. **Geografia da agricultura**. São Paulo: DIFEL, 1984. 277 p.
- Florestal de Matas Ciliares. Salvador: Gráfica Print Folhes, 3.ed.rev. e ampl. 2007.
- FURLAM, S. A. **Florestas Culturais: Manejo Sociocultural, Territorialidades e Sustentabilidade**. In AGRÁRIA, São Paulo, Depto. Geografia – FFLCH-USP Nº3, pp. 3-15, 2006
- GRAZIANO DA SILVA, J. **Estrutura Agrária e Produção de Subsistência na Agricultura Brasileira** - Hucitec, São Paulo, (2.<sup>a</sup> edição) 1980.
- GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural brasileiro**. Campinas, UNICAMP, Instituto de Economia, 1999. (Coleção Pesquisas, 1)
- MIRALHA, Wagner. **Questão agrária brasileira: origem, necessidade e perspectivas de reforma hoje**. Revista Nera – ano 9, n. 8 – janeiro/junho de 2006 – ISSN 1806-6755
- RIZZINI, C.T. **Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia**. 2.ed. São Paulo: Edgard Brücher, 1981. 294p.
- SÃO JOSÉ, Abel R., NOVAES, A. B de, et all. **Reflorestamento no Brasil**. Vitória da Conquista – BA: UESB, 1992. 174p
- SBS – Sociedade Brasileira de Silvicultura. Documento Síntese. Disponível em <http://www.sbs.org.br/>. Acessado em 20 de novembro de 2007
- SCOLFORO, José Roberto . **O Mundo Eucalipto - os Fatos e Mitos de Sua Cultura**. São Paulo, Mar de Idéias, 2008.

UESB/FADTC – Fundação para o Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico/ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- **Perfil do projeto reflorestamento no Sudoeste da Bahia. Nivel dePré-viabilidade.** Vitória da Conquista. FADTC/UESB: Vitória da Conquista, 2006

VALVERDE, Orlando. **Estudos de Geografia Agrária.** Pertópolis: Vozes, 1985. 268p

SFC – Superintendência de Políticas Florestais, Conservação e Biodiversidade – SFC.  
<http://www.meioambiente.ba.gov.br/conteudo.aspx?s=UNISUPBI&p=UNIDADES>. Acessado em novembro de 2008

SEBRAE- Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Acessado em dezembro de 2008  
<http://www.sebrae.com.br/uf/bahia>



